Criança sem infância

Caroline Dos Santos Evangelista[1] & Vanessa dos Anjos Baptista[2]

[1] Acadêmica do curso de pedagogia da Faculdade do Centro Educacional Santa Isabel - FACESI
[2] Professora do curso de pedagogia e biologia da Faculdade do Centro Educacional Santa Isabel - FACESI

Autor correspondente: vanessaipp@gmail.com

Resumo

Com o objetivo de entender as nuances da adultização dentro das diferentes esferas sociais, realizou-se o presente estudo. A definição de infância sofreu inúmeras transformações ao longo dos anos, tornando-a subjetiva. Inicialmente as crianças eram vistas apenas como seres pequenos, sem direitos, tratadas e vestidas como adultos, ao longo do tempo passaram a serem sujeitos de direitos e cuidadosamente preservadas. A adultização não está ligada a classe social, mas sim, na forma em que a criança é inserida no mundo, na forma em que é tratada e em como é expostas às questões sociais, até mesmo na preparação desse indivíduo para o mercado de trabalho com excesso de qualificação precoce. Programas impróprios, músicas com apelo sexual despertam um interesse em maneiras e vestimentas que não condizem com o estágio de vida do indivíduo. Em geral o trabalho infantil é relacionado apenas ao esforço físico e a faixa econômica menos privilegiada, tornando invisível formas mais sutis de usufruir desse grupo. A adultização está ligada também ao sedentarismo, obesidade, causados pela falta de atividades físicas, além da evasão escolar.

Palavras-chave: adultização, trabalho infantil, excesso de atividades

Abstract

In order to understand the nuances of adulteration within the different social spheres, the present study was carried out. The definition of childhood has undergone numerous transformations over the years, making it subjective. Initially children were seen only as small beings, without rights, treated and dressed as adults, over time they became subjects of rights and carefully preserved. Adultery is not linked to social class, but rather to the way in which the child is inserted in the world, in the way it is treated and in how it is exposed to social issues, even in the preparation of this individual for the labor market with overqualification. Inappropriate programs, songs with sexual appeal arouse an interest in manners and attire that do not match the individual's stage of life. In general, child labor is only related to the physical effort and the less privileged economic range, making invisible more subtle forms of this group invisible. Adulthood is also linked to sedentary lifestyle, obesity, caused by lack of physical activity, and school dropout.

Keywords: adultery, child labor, over-activity

Introdução

No mundo de maneira geral, se discute sobre a infância e as inúmeras maneiras de melhor educar uma criança. Falamos em preparo para o futuro, aulas extras e educação de qualidade. Rousseu (2004) escreveu: "A infância tem sua própria maneira de ver, pensar e sentir, e nada é mais tolo do que tentar substituir a nossa maneira pela dela". Fenômenos sociais contemporâneos, enfatizando o caso brasileiro, mostram-nos como as fronteiras entre ser criança e ser adulto têm se tornado ambíguas. Essas situações, pinçadas de um determinado conjunto social, demonstram que existe uma espécie de "borramento" acerca de algumas caracterizações tradicionais do que é ser criança e de qual é o período compreendido como categoria etária infância (NETO et al. 2010).

Naturalmente toda a sociedade passa por transformações e o mesmo acontece com as caraterísticas que correspondem a infância, tais como roupas, alimentação, linguagem, brincadeiras, atitudes, desejos e aparências (POSTMAN, 2012). Algumas dessas características como o "brincar na rua" ou em áreas públicas sofreram modificações pelos índices de violência. A educação passa a ter um perfil de ofício e obrigação, aliadas a atividades supervisionadas e em ambientes confinados advindos da maior quantidade de recursos destinados a elas (BUCKINGHAM, 2006).

Sarmento (2003) defende que as ideias e representações sociais sobre as crianças estão se modificando, assim como, a estrutura familiar, as escolas e a mídia. Segundo o autor, esse processo não caracteriza um fim da infância, mas sim sua reinstitucionalização, ou seja, uma mudança do lugar social imputado às crianças. Um aspecto central da reinstitucionalização é a entrada e valorização da infância na esfera econômica, que ocorre de duas formas: primeiro, pelo trabalho infantil em países periféricos, e segundo pelo marketing. As crianças contam na economia, são influenciadoras e representam um dos segmentos de maior difusão mundial. A elas são oferecidos desde produtos culturais como programas de televisão, livros e parques temáticos, até produtos mais comerciais como moda, alimentação, brinquedos e mobiliários (SARMENTO, 2003).

Além, desse cenário, também é comum que as próprias crianças já se identifiquem como responsáveis e adultas, como mostra o documentário "A invenção da infância" (SULZBACH, 2000). Nele há crianças executando trabalhos brutos, famílias com vários filhos nas quais eles trabalham e auxiliam financeiramente em seu lar, crianças que praticam mais de uma atividade extraclasse, entre outros casos. Segundo

Rizzini (2010, p.376): “O Brasil tem uma longa história de exploração da mão de obra infantil. As crianças pobres sempre trabalhavam”. A diferença de atividades na vida de nossas crianças é resultado do meio em que as mesmas se encontram a diferença social vivida pelos brasileiros é gritante e causam grandes efeitos em nossas vidas, ainda mais na vida de uma criança que está em processo de formação de ideologia e de caráter.

Independente da classe econômica os estímulos adultizados influenciam no comportamento, hábitos, forma de lazer, responsabilidades. Essa apropriação pela criança caracterizam um processo de adultização. Crianças com muitos compromissos e responsabilidades, assim como crianças preocupadas com cuidados com o corpo e aparência são um reflexo destes estímulos. Não caracteriza a adultização brincar de ser adulto, mas, sim, quando a brincadeira passa a ser uma preocupação ou necessidade (TIBA, 2011).

Segundo Postman (2014, p. 142): “O fato é que estamos passando pela reversão da tendência, iniciada no século dezesseis, de identificar as crianças pelo modo de vestir. À medida que o conceito de infância diminui, os indicadores simbólicos da infância diminuem com ele”. O fenômeno da adultização manifesta-se no contexto social de uma infância reinstitucionalizada. Esse processo está intimamente relacionado a mídia e ao consumo, assim como com as novas organizações familiares e da escola.

Dentro desse debate sobre a infância, a criança e a falta de infância o presente trabalho tem como objetivo verificar se há diferença na adultização entre as classes sociais. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema criança sem infância, no qual autores como Postman abordam a evolução desse tema ao longo dos anos.

O que é ser criança?

A concepção de infância muda para cada individuo, época, sociedade e cultura, fazendo com que a mesma seja subjetiva e não contendo uma única definição. O que hoje definimos como criança, de acordo com a lei “8.069/1990- art. 2° é: a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescentes aqueles entre 12 e 18 anos de idade”. Diferentemente do se validava na idade média onde era definido “ser criança” até os seis anos de idade, quando o mesmo desmamava da mãe e já iniciava sua vida adulta, em outras sociedades e épocas a criança se limitava ao período em que o indivíduo aprendia a andar e falar, depois desse ato já não era considerado criança.

Durantes anos pesquisadores tentaram definir a infância e o que uma criança realmente seria conceitualmente, alguns defendiam a invenção da infância como uma invenção histórica e que as crianças eram na verdade mini adultos.

Scliar (1995) discute a multiplicidade de infâncias na contemporaneidade, deixando clara a construção histórica de tal categoria. Para ele, aquela ideia tão difundida da infância como um tempo de felicidade não pode ser garantida a todos. Uma série de fatores influenciam diretamente e indiretamente a suposta felicidade na infância, como por exemplo: a presença da família, questões culturais, socioeconômicas e afetivas.

Elkind (2004 p.233), afirma que na sociedade está cada vez mais apressada, e o brincar não possui o valor que deveria ter, a brincadeira acaba sendo transformada em trabalho. O que deveria aliviar o estresse acaba aumentando-o O trabalho infantil é um bom exemplo do que é afirmado acima, crianças de baixa renda geralmente costumam perder o tempo de brincar, pois necessitam trabalhar para ajudar em casa, esse trabalho pode ser visto com frequência em sinaleiras, pedreiras, catadores de lixo entre outros. De acordo com o documentário Crianças invisíveis, publicado em 15 de julho de 2011, e com o IBGE (1998) em regiões litorâneas e no leste do Brasil há um número maior de trabalho infantil, com ênfase na prostituição.

Segundo o órgão UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância, em inglês *United Nations Children's Fund*) em um pronunciamento recente publicado em 13 de junho de 2018, o chefe da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Guy Ryder, alertou que 73 milhões de menores de idade trabalham em ocupações perigosas, como agricultura, mineração. A OIT identificou uma redução no trabalho infantil de risco em todo mundo, essa queda foi estimada em 2,4% na América Latina e Caribe, porém, essa queda se refere apenas aos mais velhos, e as ocupações de trabalho de risco se encontram na faixa etária de cinco e onze anos e teve um aumento de 2012 para 2016. Esses dados mostram que o trabalho infantil é algo que acontece no mundo todo, pondo em risco a saúde e segurança das crianças afetando no seu desenvolvimento e acelerando seu processo de crescimento, fazendo assim a criança ter responsabilidades inapropriadas para sua idade.

O que algumas pessoas podem não ter conhecimento é que a mídia utilizando crianças em filmes, série e entre outros também estão infringindo a lei n°8069/90 art. 60 do ECA (BRASIL, 1990), onde é proibido qualquer trabalho a menor de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz. Todos esses fatores podem influenciar no

desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicológico da criança independente da sua classe social.

A utilização de crianças para publicidade infantil utilizando com fins lucrativos, também é reconhecido como trabalho infantil, mas geralmente banalizado, pois o trabalho infantil tende a ser pensando apenas como o trabalho escravo, colocando-as em situação de risco e trabalho braçal.

Em contraponto ao trabalho infantil, a perda da infância também pode ocorrer com a pressão para uma aquisição intelectual precoce, sem tempo para ser criança. Pais preocupados com o futuro de seus filhos o pressionam para serem crianças prodígios, essa pressão imposta pela família para um futuro acadêmico precoce é uma de muitas pressões contemporâneas impostas pela família, como também o vestuário (ELKIND, 2004).

As famílias acabam passando muitas responsabilidades e agendas lotadas com atividades extraclasses para as crianças, pensando no seu "futuro melhor", essa pressão para se tornarem crianças bem sucedidas, faz com que a criança possa acabar não realizando uma atividade por prazer e sim para que seja um ponto a mais no seu currículo, e quando realmente se tornarem adultos, o mercado de trabalho possa se tornar algo mais "fácil'' por terem maiores capacidades (ELKIND, 2004).

Sendo que o sujeito se constitui pela construção compartilhada de significados e pela internalização de modos de fazer, isso faz com que a criança passe a interiorizar esse imaginário presente na sociedade brasileira da naturalização do trabalho infantil e do fim da infância ao assumir responsabilidades prematuras prejudicando seu desenvolvimento cognitivo (ALBERTO & SANTOS, 2011).

Consequências da adultização

A exposição não orientada das crianças aos meios de comunicação já tem efeitos conhecidos pela ciência, como: obesidade, tabagismo, alcoolismo, consumismo e materialismo (DOTSON; HYATT, 2000, 2005; VALKENBURG; CANTOR, 2001; BUIJZEN; VALKENBURG, 2003; VALKENBURG; BUIJZEN, 2005; DESMOND et al., 2007; ROBERTS; PETTIGREW, 2007; BOYLAND et al., 2008; PAGE; BREWSTER, 2009).

Um dos fatores da adultização é o trabalho infantil tendo como consequências diversos fatores, dentre eles os educacionais, os econômicos, os políticos e ainda os

efeitos diretos sobre o desenvolvimento físico e psicológico das crianças e adolescentes. Se, na verdade, o trabalho tivesse as virtudes preconizadas, os jovens filhos dos ricos também estariam trabalhando. Jovens de classe média, nas suas diferentes hierarquizações, são cada vez mais ocupados com diversas atividades que complementam suas trajetórias de vida escolar; fazem cursos diversos, como computação, línguas, atividades físicas, que diferem consideravelmente dos jovens trabalhadores de origem mais humilde (ALBUQUERQUE, 2003, p. 126).

Neste sentido, a evasão escolar é também outro fator predominante na relação de exploração do trabalho infantil, pois as escolas nem sempre são atrativas, além do mais as condições de extrema pobreza contribuem para a evasão escolar. Assim "o trabalho e a escola são duas coisas que dificilmente se conciliam na realidade brasileira. A escola acaba ficando para trás porque o que determina é a necessidade" (FREITAS, 2005, p.15).

Considerações Finais

A concepção de infância mudou muito e continuará mudando, variando desde a concepção de que aos seis anos de idade crianças eram consideradas adultas, depois aos doze. A adultização acontece independente do que se considera infância em épocas distintas, mascarada em atividades curriculares excessivas ou em trabalho infantil. A mudança desse cenário só será possível com a educação no âmbito familiar e a implementação de políticas públicas para a proibição da utilização de crianças nas diferentes formas de trabalho.

Pode-se afirmar que a criança que perde sua infância independente da sua classe econômica, sofrem consequências no desenvolvimento intelectual, cognitivo e motor, prejudicando o crescimento e sua vida social, a criança vai perdendo sua inocência pulando etapas importantes para sua vida, tais como a em que o lúdico predomina. Há indicação de que ainda haja variações sobre a liberação de crianças ao trabalho precoce, assim como, ao conteúdo cultural ao qual poderá ser inserido, mantendo-se apenas a necessidade do discernimento dos seus responsáveis.

Referências

ALBERTO, M.F.P & SANTOS, D.P. 2011. Trabalho infantil e desenvolvimento: uma reflexão à luz de Vigotski. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 16, n. 2, p. 209-218.

ALBUQUERQUE, Miriam de Souza Leão. A inserção do jovem no mercado formal de trabalho. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinhas, 2003.

BOYLAND, E. J. et al. Does television food advertising affect children's food preferences? Appetite, v. 51, n. 3, p. 760-760, 2008.

BUIJZEN, M.; VALKENBURG, P. M. The effects of television advertising on materialism, parentchild conflict, and unhappiness: a review of research. Journal of Applied Developmental Psychology, College Park, v. 24, n. 4, p. 437-456, 2003.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas: após a morte da infância**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis, 2006.

DESMOND, R. et al. The effects of advertising on children and adolescents: a meta-analysis. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2007.

DOTSON, M. J.; HYATT, E. M. A comparison of parents' and children's knowledge of brands and advertising slogans in the United States: implications for consumer socialization. Journal of Marketing Communications, London, v. 6, n. 4, p. 219-230, 2000.

_____. Major influence factors in children's consumer socialization. Journal of Consumer Marketing, Anvada, v. 22, n. 1, p. 35-42, 2005.

ECA-BRASIL, 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente.

ELKIND, Daivid. Cap. 1 Nossas Crianças Estressadas. Porto Alegre: Artmed, 2004. (trad. Magda França Lopes).

ELKIND, Daivid. Sem tempo para ser criança: a infância estressada. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FREITAS, Maria da Conceição. A questão de gênero e trabalho infantil na pequena mineração sul-americana, Prosul, Centro de Tecnologia Mineral do Ministério da Ciência e Tecnologia, 7 e 8 de março de 2005, Rio de Janeiro (RJ), A educação como fator de mudança social.

IBGE, mapa de indicadores sobre o trabalho infantil, 25 de maio de 2013.

NETO, C.F.S; BREI, V.A. & FLORES-PEREIRA, M.T. 2010. Fim da infância? As ações de marketing e a "adultização" do consumidor infantil. Ram, Rev. Adm. Mackenzie, V. 11, N. 5. São Paulo.

PAGE, R. M.; BREWSTER, A. Depiction of food as having drug-like properties in televised food advertisements directed at children: portrayals as pleasure enhancing and addictive. Journal of Pediatric Health Care, v. 23, n. 3, p. 150-157, 2009.

POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. Tradução Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 2012.

RIZZINI, Irma. Pequenos trabalhadores do Brasil. In: PRIORE, Mary Del (Org). História das crianças no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p.376-406.

ROBERTS, M.; PETTIGREW, S. A thematic content analysis of children's food advertising. International Journal of Advertising, Milton Park, v. 26, n. 3, p. 357-367, 2007.

ROSSEAU, Emile. In Sem tempo para ser criança: infância estressada. ELKIND, Daivid, 2004. Porto Alegre. Artmed.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda

Modernidade. 2003. Disponível em:

http://proferlaotrabalhosalunos.pbworks.com/f/AS+CULTURAS+DA+INFANCIA+NA+ENCRUZILHADA+DA+SEGUNDA+MODERNIDADE..pdf

SCLIAR, Moacyr. Um país chamado infância. São Paulo: Ática, 1995.

TIBA, Natércia. Entrevista para o programa "Papo de Mãe". TV Brasil. 2011. Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/papodemae/episodio/adultizacao>.

UNICEF, trad. Fundo das Nações Unidas para a Infância, pronunciamento em 13 de junho de 2018,

VALKENBURG, P. M.; BUIJZEN, M. Identifying determinants of young children's brand awareness: television, parents, and peers. Journal of Applied Developmental Psychology, College Park, v. 26, n. 4, p. 456-468, 2005.

VALKENBURG, P. M.; CANTOR, J. The development of a child into a consumer. Journal of Applied Developmental Psychology, College Park, v. 22, n. 1, p. 61-72, 2001.